

**Resumo:** Assumindo o conceito de parâmetro do sujeito nulo e utilizando ferramentas metodológicas da sociolinguística laboviana, o presente trabalho teve como objetivo a caracterização e análise da expressão do sujeito no português falado em Moçambique e Angola. Os resultados apontaram para algumas similaridades das mudanças que a sintaxe do sujeito passou e tem passado no português falado nos dois países, indo desde uma maior tendência aos sujeitos pronominais, até a convergência de alguns fatores que ainda favorecem à ocorrência de sujeitos nulos. Por mais que o contato com as línguas banto não seja a única explicação para mudanças ocorridas na sintaxe do português, não se pode negar que o fato de que as mesmas áreas da gramática terem sido “perturbadas” demonstra a relevância do contato na formação das variedades africanas da língua portuguesa, o que também poderia estar ligado à configuração atual da sintaxe do sujeito também na variedade brasileira da língua portuguesa. O presente artigo revela dados que podem conectar as mudanças ocorridas ou em curso nas variedades moçambicana e angolana da língua portuguesa.

**Palavras-chave:** Sujeito nulo. Língua portuguesa. Moçambique. Angola.

**Abstract:** Assuming the concept of null subject parameter and using methodological tools of Labovian sociolinguistics, the present work had the objective of characterizing and analyzing the subject's expression in Portuguese spoken in Mozambique and Angola. The results pointed to some similarities of the changes that the subject's syntax has passed and is still passing in the Portuguese spoken in both countries, ranging from a greater tendency to pronominal subjects, until the convergence of some factors that favor the occurrence of null subjects. Although contact with Bantu languages is not the only explanation for changes in Portuguese syntax, it cannot be denied that the fact that the same areas of grammar have been "disturbed" that demonstrates the relevance of contact in the formation of the African varieties of Portuguese language which also can be related to the current configuration of the syntax of the subject also in the Brazilian variety. The present article reveals data that can connect the changes occurred or in course in the Mozambique and Angola varieties of Portuguese.

**Keywords:** Null subject. Portuguese language. Mozambique. Angola.

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: victorchpin@gmail.com.

## 1 Introdução

Desde que o chamado “parâmetro *pro-drop*” figurou na teoria gerativa nas conferências de Pisa (CHOMSKY, 1981), muito se tem discutido a respeito das propriedades relacionadas à expressão do sujeito e, a partir das investigações com dados provenientes das mais diversas línguas naturais ao longo das últimas décadas, Holmberg et al. (2009) e Roberts (2016) apontam não mais uma simples oposição binária entre línguas de sujeito nulo X línguas de sujeito preenchido, mas sim uma gama de possibilidades de sistemas que vão desde a inexistência de flexão verbal e permissividade de sujeitos nulos (como o chinês, por exemplo), até línguas que não admitem nem mesmo sujeitos expletivos nulos (como o inglês). À medida que mais línguas vão sendo analisadas – bem como variedades dialetais de uma mesma língua – mais detalhado se torna o quadro de propriedades que se pode relacionar ao parâmetro do sujeito. Sendo assim, trabalhos contrastivos entre variedades de uma mesma língua também podem trazer um novo fôlego à teoria e, principalmente, adentrar nos mecanismos de mudança que a sintaxe das línguas pode sofrer ao longo de sua história.

Além do que tange às contribuições para teoria gerativa como um todo, uma das principais motivações para a realização de um estudo contrastivo da expressão do sujeito em Moçambique e Angola é a ideia de que existiria uma espécie de *continuum* afro-brasileiro (Petter, 2009) das variedades extra-ibéricas da língua portuguesa; fenômenos linguísticos emergentes nessas variedades – nesse caso, na sintaxe – apontariam para convergências resultantes dos contatos da língua falada pelos colonizadores portugueses com as línguas africanas tanto no próprio continente africano como no Brasil. Ou seja, po-

de haver uma certa “previsibilidade” em achados que se apresentam na fala de comunidades geograficamente distantes, mas ao mesmo tempo próximas do ponto de vista histórico-social. A partir disso, foi realizado um estudo confrontando os resultados obtidos a partir de dados de falantes de duas variedades africanas do português: Luanda (capital de Angola) realizado por Teixeira (2012) e Maputo (capital de Moçambique).

O artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, discorro a respeito dos dois *corpora*, salientando as características convergentes da fala de ambas as comunidades; em um segundo capítulo, trato da metodologia utilizada por Teixeira (2012) para a análise dos dados de Angola e como procedi para obter condições análogas de análise com o *corpus* de Moçambique. Na terceira seção, trago os resultados de ambas as análises, apontando as semelhanças que surgiram e, por último, na conclusão, delinheiro as observações que puderam ser feitas para reforçar ou refutar a hipótese de que as mudanças linguísticas que o português passou/tem passado nessas duas variedades seguem caminhos parecidos e que poderiam ter como ponto de partida a influência do contato das línguas africanas com o português vindo dos colonizadores.

Antes de partir para a descrição dos *corpora*, vale a pena salientar que estamos considerando que a língua-alvo dos angolanos e moçambicanos é o português europeu. Sabe-se que o português europeu (doravante PE) mantém um paradigma de morfemas verbais rico, uma forte concordância verbal e, sendo a língua portuguesa uma língua de prestígio social (GONÇALVES, 1996), admite-se que o aprendizado da norma culta europeia poderia trazer melhores oportunidades no mercado de trabalho e possibilidade de ascensão social nas realidades dos dois países. Portanto, quando tratamos de “mu-

dança”, estamos partindo do princípio de que a gramática a que os falantes dos dois países foram expostos é a gramática do PE. Se o *output* que pode ser percebido é diferente das formas usadas no PE, temos em mente que houve uma reanálise sintática por parte do falante e uma nova gramática surgiu a partir de então.

## 2 Os *corpora* das duas comunidades

O estudo de Teixeira (2012) foi realizado a partir de dados de dez informantes de ambos os gêneros, todos falantes nativos de português e de alguma das línguas nacionais angolanas, sobretudo do quimbundo. O *corpus* é constituído do que ela chamou de “português popular angolano” (doravante PPA) que seria a variedade falada por pessoas com nenhuma ou pouca escolaridade (até a quinta série do ensino fundamental) na capital Luanda. A razão da escolha se deve aos estudos realizados pela própria pesquisadora em 2002 e 2008 no qual, por meio das semelhanças do cenário histórico do Recôncavo Baiano no século XIX e do uso linguístico bastante intenso do pronome *você* pelas classes mais pobres dessa região, Teixeira aponta que o estágio atual do PPA se assemelharia à língua falada pelos escravos e descendentes de escravos na Bahia há dois séculos. Em ambos, o que estaria por trás da gênese dessas duas variedades seria justamente a aquisição “imperfeita” da língua do colonizador.

O *corpus* moçambicano explorado para levantamento e análise de dados consiste em dezoito entrevistas com falantes da região da capital Maputo, sendo que o estatuto da língua portuguesa adquirida (L1 ou L2) não é claro em alguns casos, algo bastante comum em Moçambique.<sup>2</sup> No entanto, todos os falantes possuem uma boa profici-

---

<sup>2</sup> Para mais informações a respeito da realidade (multi)linguística de Moçambique, sugiro a

ência da língua portuguesa e utilizam-na em contextos de comunicação diariamente (trabalho, escola, etc.). O *corpus* foi coletado pela pesquisadora Anna Jon-And da Universidade de Estocolmo e cedido aos membros do grupo *Afro-Latin Linguistics: Language Contact in Intercultural Settings* do qual faço parte, já tendo esse *corpus* sido alvo de estudos a respeito da concordância nominal na sua pesquisa de doutoramento (JON-AND, 2007).

De posse dessas considerações e ponderações, o estudo aqui realizado com os dados de Moçambique considerou somente os falantes com menor faixa de escolaridade do *corpus* a fim de que a aproximação seja mais fidedigna com os dados de Luanda, ainda que haja entrevistas disponíveis com falantes moçambicanos com mais escolaridade.

De imediato, o que chama bastante a atenção em muitos exemplos apontados por Teixeira na fala dos angolanos (exemplos (a)) é a existência de fenômenos relacionados à expressão do sujeito que também encontrei na minha análise do *corpus* de Maputo (exemplos (b)). Há, por exemplo, o uso do morfema de segunda pessoa com o pronome *você* como em (1) e (2), a chamada “mistura de tratamento” como em (3), o sintagma nominal *a gente* com variação na concordância como em (4) e (5) e, finalmente, o uso de pronomes retos com referentes com traço [-animado] em (6), algo que estudos gerativistas (tais como DUARTE, 1995) apontam como não usual em línguas canonicamente de sujeito nulo, tal como o português europeu:

- (1) a. Oh, paizinho! **Você** não **fizeste** isso.  
b. (...) Pra lá somente que **você pagas**, sim, o transporte.
- (2) a. Vai lá que **você cresceste** na cidade, mas se **você tinhas**

---

leitura de Gonçalves (1996) e Brito; Martins (2004).

---

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 7, n. 2, 2<sup>o</sup> semestre, 2017.

crescido aqui no mato.

- b. É bom porque se **você**... significa... que já **estás** garantido!
- (3) a. Não sou **tua** amiga para **você** me responder assim.  
b. Basta **você** ter dinheiro... se quiser ir, **te** levam.
- (4) a. Depois de ela ficar boa, **a gente** não **conseguimos** de conversar  
b. **A gente** ainda não **chegamos** ao ponto de encontrar
- (5) a. Quando **a gente** se **sentava**, nós acabávamos de falar.  
b. É lá onde **a gente vai** nos finais de semana
- (6) a. Graças a Deus, ainda **os carros**<sub>i</sub> com que eu ando com **eles**<sub>i</sub>, nunca aconteceu nada.  
b. Então **o ônibus**<sub>i</sub> saindo daqui da... **ele**<sub>i</sub> pode fazer meia volta e pode começar a carregar de volta.

### 3 Metodologia e resultados

O estudo de Teixeira foi realizado com um *corpus* constituído por dez entrevistas de falantes de ambos os sexos, com pouca ou nenhuma escolaridade (o equivalente a no máximo a 5.<sup>a</sup> série do ensino fundamental). Sendo assim, para proceder com a comparação com os dados de Angola, realizei uma rodada somente com os dados do *corpus* do PM provenientes da faixa de menos escolaridade, ou seja, de um a seis anos de estudo.

Uma das disparidades do trabalho de Teixeira com os dados de Angola e o experimento que realizei com os dados de Moçambique é que Teixeira amalgamou as segundas pessoas do singular e plural em um único fator – que ela chamou de P2 – bem como todas as terceiras pessoas, chamadas de P3. Na rodada específica realizada para a comparação com os dados de Angola, procedi da mesma maneira,

amalgamando as segundas e terceiras pessoas, totalizando apenas quatro fatores na variável “pessoa do discurso”: P1, P2, P3 e P4 (quarta pessoa, ou primeira pessoa do plural).

Outra diferenciação na codificação é que Teixeira classificou os tempos verbais em “complexos” quando formados por auxiliar + verbo principal e “simples” quando formados por apenas um verbo. No estudo que tenho realizado com os dados de Moçambique, os tempos verbais foram classificados de acordo com a forma do verbo mais à esquerda na estrutura da sentença e a presença de auxiliares foi um fator codificado à parte. Desta forma, foram analisados os seguintes fatores em Teixeira (2012):

- **Variáveis sociais:** gênero, faixa etária (18-32; 33-49; 50 anos ou mais), estatuto do português (L1 ou L2);
- **Variáveis Linguísticas:** pessoa do discurso, tempo e forma verbal, tipo de sentença, correferência em estruturas subordinadas, presença de material linguístico entre sujeito e verbo e presença/ausência de elementos em CP.

Já no meu estudo com os dados de Moçambique, elenquei quinze fatores entre os sociais e linguísticos para proceder com a análise. Alguns deles não figuram no estudo de Teixeira com os dados de Angola, mas figuraram em outros importantes estudos a respeito do sujeito nulo como o de Duarte (1995) com dados do português brasileiro e, por isso, julguei importantes para uma melhor elucidação da expressão do sujeito nessa variedade do português:

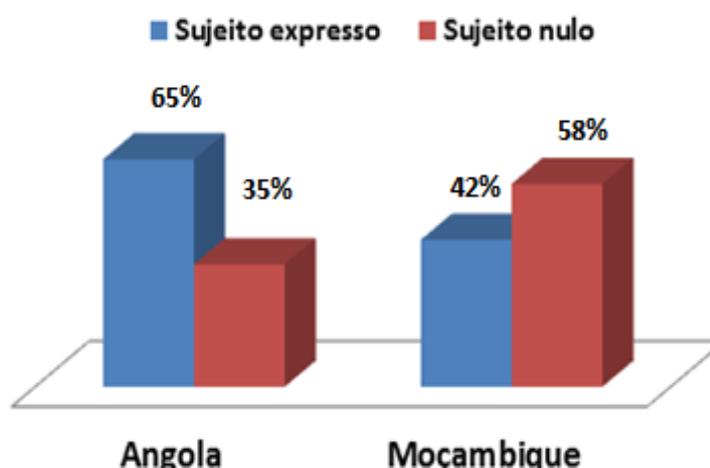
- **Variáveis Linguísticas:** realização fonológica do sujeito, categoria do sujeito, presença de elemento preposto ao verbo, tempo verbal, (ir)regularidade morfológica do verbo, forma simples ou perifrás-

tica do verbo, marca indicativa de número e pessoa, presença de concordância verbal, animacidade do sujeito, (in)determinação referencial do sujeito e estatuto da oração quanto à sua (in)dependência sintática;

- **Variáveis sociais:** gênero, faixa etária (até 35; 36-59 e mais de 60 anos), forma de aquisição do português (na escola ou com os pais).<sup>3</sup>

Foram analisados 434 dados em Angola por Teixeira e 1573 em Moçambique, e no cômputo geral, o sujeito expresso ocorreu em 65% das sentenças dos angolanos e 42% de sujeitos entre os moçambicanos:

Figura 1 – Expressão do sujeito em duas variedades africanas do português.



De imediato, já percebemos que a forma preferida entre os angolanos com pouca escolaridade é o sujeito expresso, com valores até mais próximos aos encontrados por Duarte (1995) com dados da fala culta carioca, se comparados aos dados que observamos entre os

<sup>3</sup> Como afirmado anteriormente, o estatuto do português como L1 ou L2 em Moçambique é bastante duvidoso em muitos casos. Sendo assim, decidi classificar os falantes com o critério baseado na forma de aquisição: se aprenderam português na escola ou aprenderam em casa com os pais.

menos escolarizados em Moçambique ou com os dados da variedade europeia (cerca de 20%, segundo DUARTE, 1995). Isso poderá nos fornecer algumas pistas que discutiremos mais adiante.

Dentre os fatores selecionados como sendo os mais significativos para o favorecimento dos sujeitos nulos, alguns resultados convergiram, de fato, com os resultados obtidos em Moçambique, já outros se assemelharam a resultados obtidos por Duarte (1995) no português brasileiro e que não foram observados em Moçambique até então. Vejamos os fatores selecionados pelo GoldVarb e analisados por Teixeira:

- (a) Tipo de sentença: subordinadas
- (b) Pessoa do discurso
- (c) Tempo verbal

O fator “tipo de sentença” foi selecionado no estudo de Teixeira como sendo um dos mais significativos nos dados de Angola, seguido de pessoa do discurso e tempo verbal. Na rodada que realizei com os dados de Moçambique, notou-se uma convergência com o estudo de Teixeira visto que o programa também selecionou, nesta ordem, os fatores “pessoa do discurso”, “tempo verbal” e, em terceiro lugar, o “traço [± animado]”, que não figura como variável codificada no estudo com os dados angolanos.

Nesta rodada em que utilizamos separadamente somente os dados dos menos escolarizados do *corpus* da fala dos moçambicanos, o fator “gênero” também foi selecionado como um dos mais significativos, não sendo selecionado nas rodadas anteriores que realizei com todo o *corpus* e nem no estudo de Teixeira com os dados de Angola. Vamos nos ater à convergência dos fatores “pessoa do discurso” e “tempo verbal” que se mostraram significativos nos dados dos dois

países.

Apesar de selecionada a variável “pessoa do discurso” como sendo uma das mais significativas, os resultados, como demonstrados abaixo nas tabelas 1 e 2, foram diferentes se comparados ao PM, uma vez que é justamente em P3 que há o maior número de sujeitos realizados foneticamente em Angola. Teixeira avança uma hipótese para tal fato:

**Tabela 1** - Sujeitos expressos no PPA de acordo com a pessoa do discurso.

<b>Pessoa do discurso</b>	<b>N. absoluto</b>	<b>%</b>	<b>P. relativo</b>
P1	107/181	60	0,44
P2	48/70	68	0,54
P3	102/134	76	0,63
P4	21/48	43	0,27
TOTAL	278/433		

Fonte: Teixeira (2012).

Neste fator, as diferenças entre o PM e o PPA começam a surgir. Primeiramente, é justamente em P3 que há a maior taxa de sujeitos realizados foneticamente em Angola, totalizando 76%, e com um peso relativo de 0,63, o que demonstra que esse é realmente um fator que favorece à realização fonética do sujeito.

Nos dados do PM, vemos que a frequência de sujeitos expressos com a primeira pessoa ultrapassa os de terceira pessoa, mas o peso relativo de 0,57 demonstra que de fato a terceira pessoa é um fator que favorece a realização do sujeito entre os moçambicanos pouco escolarizados:

**Tabela 2** – Sujeitos expressos no PM de acordo com a pessoa do discurso.

<b>Pessoa do discurso</b>	<b>N. absoluto</b>	<b>%</b>	<b>P. relativo</b>
P1	285/537	45	0,47
P2	1/12	8	0,10
P3	312/722	43	0,57
P4	60/202	30	0,36
TOTAL	658/1573		

Fonte: Dados da pesquisa.

Esperava-se que a taxa de sujeito nulos na terceira pessoa (seja do plural quanto a do singular) fosse mais alta pois (i) a terceira pessoa do plural com o sujeito nulo é uma das formas “canônicas” de indeterminação do sujeito na língua-alvo – o português europeu – e esperava-se que essa fosse uma estratégia produtiva de indeterminação do sujeito em Angola e (ii) Duarte (1995) também aponta que a terceira pessoa do singular pode ser retomada por uma categoria vazia, enquanto as demais pessoas são dêiticas. Além disso, o morfema de terceira pessoa sem sujeito expresso também tem se mostrado como uma forma inovadora de indeterminação do sujeito, presente na variedade brasileira (DUARTE, 1995), emergente também na moçambicana mas que parece não ser produtiva nos dados de Angola se levarmos em consideração apenas os dados levantados por Teixeira.

Teixeira aponta algumas possíveis explicações para esse alto índice de realização do sujeito com o morfema verbal de terceira pessoa. Primeiramente, reforçando a possibilidade do contato, a língua nacional mais amplamente utilizada na região de Luanda é o quimbundo, uma língua na qual as segundas e terceiras pessoas possuem iguais realizações fonológicas, conforme a Tabela 3 abaixo. Isso teria levado os falantes com menor escolaridade a realizarem com mais frequência o sujeito com o morfema da terceira pessoa, visto que na gramática da sua L1, a terceira pessoa é neutralizada com a segunda:

**Tabela 3** – Conjugação parcial do verbo *comer* em quimbundo.

Presente		Passado	
Eme ngidyá	‘eu como’	Eme ngadya	‘eu comi’
Eye udyá	‘tu comes’	Eye wadya	‘tu comeste’
Mwene udyá	‘ele come’	Mwene wadya	‘ele comeu’
Etu tudyá	‘nós comemos’		

Fonte: Teixeira (2012).

Uma hipótese que Teixeira levanta em outro trabalho (TEIXEIRA,

RA, 2002) é que foram os falantes menos escolarizados do Recôncavo da Bahia que, no século XIX, estavam à frente da mudança que resultou na entrada do pronome *você* no quadro de pronomes do PB e teriam sido eles os responsáveis pela neutralização dessa forma pronominal, que na língua-alvo era usada para marcar assimetria nas relações de tratamento. Pelo fato de não existirem pronomes de tratamento em quimbundo, os falantes das classes sociais menos favorecidas poderiam interpretar a forma *você* como sendo uma forma de segunda pessoa sem distinção de intimidade ou formalidade e passaram a usá-la indiscriminadamente.

Essa hipótese talvez possa explicar as divergências que encontramos nos resultados de todo o *corpus* do PM se comparados aos dados somente dos moçambicanos menos escolarizados e acaba por reafirmar uma suspeita: é provável que os falantes menos expostos à escolarização em Moçambique também sejam os que mais usam o pronome *você* e os que menos percebem as distinções de tratamento entre os pronomes *tu/você* na língua alvo.

Como o pronome *você* utiliza o morfema de terceira pessoa, a realização pronominal se torna mais urgente para desfazer possíveis ambiguidades resultantes do sincretismo desse morfema. Isso foi evidenciado nos dados de Angola quando Teixeira analisou a variação *tu/você* e demonstrou que a introdução do pronome *você* é um dos fatores que mais favorece à realização do sujeito, como se vê na Tabela 4.

**Tabela 4** – Sujeitos expressos e a variação *tu/você* no PPA.

Pronome	N. absoluto	%	P. relativo
Você	42/51	82	0,64
Tu	7/20	35	0,17
TOTAL	49/71		

Fonte: Teixeira (2012).

É possível que, quanto maior for o tempo de estudo formal, mais os falantes angolanos também estejam expostos ao uso das formas verbais da língua alvo e que minimizam a ambiguidade entre as segundas e terceiras pessoas. É possível também que se a rodada fosse realizada com uma separação das terceiras pessoas do singular e plural levando em consideração o traço [ $\pm$ indeterminado], os resultados poderiam ser ainda mais claros a respeito de uma possível inovação nos usos dos morfemas de terceira pessoa.

Nas doze ocorrências do morfema de segunda pessoa nos dados dos menos escolarizados em Moçambique, apenas uma trazia o pronome *tu* expresso, sendo esta forma verbal também desfavorecendo ao sujeito expresso em Moçambique. No entanto, quando o verbo apresenta o morfema de terceira pessoa, a quantidade de sujeitos expressos sobe e o peso de 0,57 demonstra que, dentro desse fator, esta é a forma verbal que mais favorece à realização do sujeito entre os menos escolarizados.

Essas hipóteses levantadas a respeito do uso do *você*, e de uma possível não discriminação por parte dos Moçambicanos das assimetrias que motivam o uso dessa forma de tratamento em oposição ao *tu* na língua alvo poderiam ser melhor elucidadas somente com um estudo específico das formas de tratamento, o que foge do objetivo deste trabalho e também não é um dado levantado por nenhum estudo anterior até então.

Passemos agora à análise da variável “tempo verbal”, que se mostrou significativa para a realização do sujeito nos dados de Angola e também de Moçambique. Os dados relevantes são mostrados na Tabela 5 a seguir.

**Tabela 5** – Sujeitos expressos no PPA de acordo com o tempo verbal.

<b>Tempo verbal</b>	<b>N. absoluto</b>	<b>%</b>	<b>P. relativo</b>
Presente/complexo	25/49	51	0,30
Presente/simples	102/152	67	0,49
Pretérito/complexo	20/25	80	0,71
Pretérito/simples	122/190	64	0,53
Futuro complexo	5/12	41	0,30
Subjuntivo	4/5	80	0,57
<b>TOTAL</b>	<b>1517</b>		

Fonte: Teixeira (2012).

Teixeira considera as formas perifrásticas como “complexas” e as com um único verbo como sendo “simples”. As formas complexas do pretérito são as que mais favorecem ao sujeito expresso, mais que o pretérito simples. Isso se deve justamente às formas verbais auxiliares usadas nesse tipo de sentença que possuem pouca ou nenhuma diferenciação entre as pessoas gramaticais e, conseqüentemente, há um favorecimento à realização do sujeito. Isso ocorre com menos intensidade na forma simples do pretérito, cujos morfemas geralmente possuem grandes diferenciações entre as pessoas.

É digno de nota que as duas formas verbais que mais desfavorecem ao sujeito expresso – ambas com peso relativo 0,30 – são duas formas com perífrases verbais: presente complexo e futuro complexo. É provável que isso ocorra pois os verbos auxiliares usados nessas construções (como em “vou comprar”, “vão fazer” ou “vai viajar”) possuem maior diferenciação entre as pessoas gramaticais, e a saliência fônica entre as formas verbais colaboraria para uma melhor identificação do sujeito sem a necessidade de expressão pronominal. Os dados de Moçambique são mostrados na Tabela 6 a seguir.

**Tabela 6** – Sujeitos expressos no PM de acordo com o tempo verbal

<b>Tempo verbal</b>	<b>N. absoluto</b>	<b>%</b>	<b>P. relativo</b>
Presente	446/1045	43	0,53
Pretérito perfeito	108/287	38	0,40
Pretérito Imperfeito	87/203	43	0,46
Subjuntivo	17/38	45	0,49
Futuro simples	---	-	-
<b>TOTAL</b>	<b>1517</b>		

Fonte: dados da pesquisa.

Nos dados de Moçambique, ainda que não se possa fazer uma correlação imediata devido às diferenças metodológicas dos trabalhos envolvidos, pode-se chegar à conclusão de que formas verbais que possuem poucas diferenciações entre as pessoas gramaticais em ambas as variedades (como o pretérito imperfeito em PM e o subjuntivo em ambas as variedades) tendem a favorecer aos sujeitos expressos. Isso não nos causa surpresa visto que esse é um fator que favorece ao preenchimento do sujeito também em outra variedade do português, como é o caso da brasileira (DUARTE, 1995).

#### 4 Considerações finais

Em ambas as variedades, a variável *forma de aquisição do português/português como L2* não foi selecionada como sendo um dos mais significativos para o favorecimento do preenchimento do sujeito. Isso é um fato que surpreendeu a Teixeira, e também a mim em relação aos dados de Moçambique. Já que partimos do princípio de que o contato teria sido o principal gatilho para as mudanças sintáticas que são o objeto de estudo desse trabalho, esperava-se que os falantes de português como L2 tendessem a exibir mais drasticamente as características de uma reanálise sintática da expressão do sujeito.

Assim como observei nos dados de Maputo, o morfema de primeira pessoa do plural *-mos* (ou P4) não se mostra enfraquecido

em Luanda, e o uso do sintagma nominal *a gente* ainda não é bastante significativo entre os falantes menos escolarizados, da mesma forma como é generalizado em outras variedades dialetais do português como, por exemplo, no português brasileiro (DUARTE, 1995).

As similaridades apresentadas no início do capítulo que demonstram uma aproximação de muitas estruturas de sentenças do PA com as que encontramos no PM, além de serem indícios das reanálises gramaticais motivadas por uma possível transmissão linguística irregular (cf. LUCCHESI, 2003), podem ser um indicador dos processos que levariam o português de Moçambique a, no decorrer do processo de nativização, passar a exibir sujeitos expressos cada vez mais próximas dos números de Angola e, quiçá, do Brasil.

E como ficam os dados de Moçambique? Os dados continuam a sugerir que as frequências de sujeitos nulos inseridos em uma faixa intermediária entre a língua-alvo europeia e as outras variedades do português (angolano e brasileiro) somadas à existência de fenômenos morfossintáticos não usuais no PE, demonstrariam que o processo de nativização da língua em Moçambique poderia tender aos mesmos rumos das outras variedades da língua portuguesa.

### Referências

BRITO, R. H. P.; MARTINS, M. **Moçambique e Timor-Leste: onde também se fala o português**. Ms. Universidade do Minho. 2004. Disponível em: <[https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1005/1/moisismartins\\_reginabrito\\_SOPCOM\\_2004.pdf](https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/1005/1/moisismartins_reginabrito_SOPCOM_2004.pdf)>. Acesso: 30 jan. 2017.

CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding: the Pisa Lectures**. Dordrecht: Foris, 1981.

DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio "evite pronome" no português**

**brasileiro.** Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

GONÇALVES, P. **Português de Moçambique:** uma variedade em formação. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1996.

HOLMBERG, A; NAYUDU, A; SHEEHAN, M. Three partial null-subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguistica**, v. 63, n. 1, 2009, p. 59-97.

JON-AND, A. **Variação, contato e mudança linguística em Moçambique e Cabo Verde:** A concordância variável de número em sintagmas nominais do português. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Estocolmo, Estocolmo, 2007.

LUCCHESI, D. O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil. In: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (orgs.). **Português brasileiro:** contato linguístico, heterogeneidade e história. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 272-284.

PETTER, M. O continuum afro-brasileiro do português. GALVES, C.; GARMES, H.; RIBEIRO, F. R. (orgs.) **África-Brasil:** caminhos da língua portuguesa. Campinas: Editora Unicamp, 2009, p. 158-173.

ROBERTS, I. Null arguments and arbitrary pronouns. Ms. Universidade de Cambridge. [Conferência no I Workshop “Pronomes: sintaxe, semântica e processamento”, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 29 de Janeiro de 2016]

TEIXEIRA, E. P. **Era uma vez você.** Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2002.

\_\_\_\_\_. A representação do sujeito pronominal no português popular angolano. **PAPIA:** Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, v. 22, n. 1, 2012, p. 141-159.

**Artigo recebido em 29/05/2017**

**Aceito em 27/03/2018**

---

<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras>

Macapá, v. 7, n. 2, 2º semestre, 2017.